

O MUSEU DOS ESFORÇOS INÚTEIS

Vou todas as tardes ao Museu dos Esforços Inúteis. Peço o catálogo e sento-me à grande mesa de madeira. As páginas do livro estão um pouco desvanecidas, mas gosto de as folhear lentamente, como se virasse as folhas do tempo. Nunca vejo ninguém a ler; deve ser por isso que a funcionária me presta tanta atenção. Como sou um dos poucos visitantes, mima-me. Tem certamente medo de perder o trabalho por falta de público. Antes de entrar, olho bem para o aviso pendurado na porta de vidro, escrito com letra de imprensa. Diz: *Horário: Manhãs, das 9 às 14 horas. Tardes, das 17 às 20. Segunda-feira, fechado.* Embora saiba quase sempre que Esforço Inútil me interessa consultar, peço na mesma o catálogo para que a rapariga tenha o que fazer.

— Que ano quer? — pergunta-me muito atentamente.

— O catálogo de mil novecentos e vinte e dois — respondo, por exemplo.

Pouco depois, ela surge com um grosso livro forrado a pele violácea e pausa-o sobre a mesa, em frente à minha cadeira. É muito amável e, se considerar que a luz que entra pela janela é pouca, ela própria acende o candeeiro de bronze com quebra-luz verde e o ajeita para que a claridade incida sobre as páginas do livro. Por vezes, ao devolver o catálogo, faço um breve comentário. Digo-lhe, por exemplo:

— O ano de mil novecentos e vinte e dois foi muito intenso. Muita gente andava empenhada em esforços inúteis. Quantos volumes há sobre este ano?

— Catorze — responde ela com muito profissionalismo.

E eu observo alguns dos esforços inúteis desse ano, vejo crianças a tentar voar, homens empenhados em enriquecer, máquinas complicadas que nunca chegaram a funcionar e inúmeros casais.

— O ano de mil novecentos e setenta e cinco foi muito mais rico — diz com alguma tristeza. — Ainda não registámos todas as entradas.

— Os arquivistas devem ter muito trabalho — comento em voz alta.

— Ah, sim — responde ela. — Ainda só vão na letra C e já há vários volumes publicados. Isto sem contar com os repetidos.

É muito curioso que os esforços inúteis se repitam, mas não os incluímos no catálogo: ocupariam muito espaço. Um homem tentou voar sete vezes, munido de diferentes aparelhos; várias prostitutas quiseram arranjar outro emprego; uma mulher queria pintar um quadro; alguém tentou perder o medo; quase todos queriam ser imortais ou viviam como se o fossem.

A funcionária garante que só uma ínfima parte dos esforços inúteis consegue chegar ao museu. Em primeiro lugar, porque a Administração Pública carece de verbas e, na prática, não se podem fazer aquisições, nem permutas, nem divulgar a obra do museu no país e no estrangeiro; em segundo lugar, porque a exorbitante quantidade de esforços inúteis que se realizam continuamente exigiria que muita gente trabalhasse sem esperar recompensa nem reconhecimento público. Por vezes, perdendo a esperança no apoio oficial, recorreu-se à iniciativa privada, mas os resultados têm sido escassos e desanimadores. Virginia — é assim que se chama a gentil funcionária do museu que costuma conversar comigo — assegura que as entidades privadas a quem se recorreu se mostraram sempre

muito exigentes e pouco compreensivas, deturpando o propósito do museu.

O edifício fica na periferia da cidade, num terreno baldio, cheio de gatos e de entulho, onde ainda se podem encontrar, à tona do subsolo, balas de canhão de uma guerra antiga, punhos de espadas enferrujados, mandíbulas de burro carcomidas pelo tempo.

— Tem um cigarro? — pergunta-me Virginia com um gesto que não consegue esconder a ansiedade.

Procuo nos bolsos. Encontro uma chave velha, um pouco gasta; a ponta de uma chave de fendas partida, o bilhete de regresso do autocarro, um botão da minha camisa, alguns tostões soltos e, por fim, dois cigarros achatados. Fuma disfarçadamente, escondida entre os grossos volumes de lombadas puídas, o relógio de parede que indica sempre a hora errada, por norma atrasada, e as velhas molduras cheias de pó. Acredita-se que ali, onde agora se ergue o museu, terá existido uma fortificação em tempos de guerra. Aproveitaram-se as grossas pedras das fundações, algumas vigas, escoraram-se as paredes.

O museu foi inaugurado em 1946. Conservam-se algumas fotografias da cerimónia, com homens vestidos de fraque e senhoras de saias compridas, escuras, enfeites reluzentes e chapéus com pássaros ou flores. Na lonjura, vislumbra-se uma orquestra a tocar música de salão; o ar dos convidados tem tanto de solene quanto de ridículo ao cortar um bolo engalanado com a fita oficial.

Esqueci-me de dizer que Virginia é ligeiramente estrábica. Este pequeno defeito empresta ao seu rosto um laivo cómico que lhe atenua a ingenuidade. Como se o desvio do olhar fosse um comentário cheio de humor a pairar, solto do contexto.

Os esforços inúteis estão agrupados por letras. Quando as letras acabam, acrescentam-se números. A contagem é longa

e complicada. Cada um tem o seu escaninho, as suas páginas, a sua descrição. Percorrendo-os com extraordinária agilidade, Virginia parece uma sacerdotisa, a virgem de um culto antigo e alheio ao tempo.

Alguns são esforços inúteis belos; outros, sombrios. Nem sempre estamos de acordo quanto a esta classificação.

Ao folhear um dos volumes, encontrei um homem que durante dez anos tentou ensinar o seu cão a falar. E outro que passou mais de vinte a conquistar uma mulher. Levava-lhe flores, plantas, catálogos de borboletas, oferecia-lhe viagens, compôs poemas, inventou canções, construiu uma casa, perdoou-lhe todos os erros, tolerou-lhe os amantes e, por fim, suicidou-se.

— Terá sido uma empreitada árdua — comento para Virginia.
— Mas, possivelmente, estimulante.

— É uma história sombria — responde Virginia. — O museu possui uma descrição completa dessa mulher. Era uma criatura frívola, instável, inconstante, preguiçosa e ressentida. A sua compreensão deixava muito a desejar e, além disso, era egoísta.

Há homens que fizeram longas viagens em busca de lugares que não existiam, de recordações irrecuperáveis, de mulheres que tinham morrido e de amigos desaparecidos. Há crianças que empreenderam tarefas impossíveis, plenas de fervor. Como as que cavavam um poço que a água continuamente tapava.

No museu é proibido fumar e também cantar. Esta última proibição parece afectar Virginia tanto quanto a primeira.

— Gostava de entoar uma cantiga de vez em quando — confessa, nostálgica.

Gente cujo esforço inútil consistiu em tentar reconstruir a sua árvore genealógica, escavar uma mina em busca de ouro, escrever um livro. Outros tiveram a esperança de ganhar a lotaria.

— Prefiro os viajantes — refere Virginia.

Há secções inteiras do museu dedicadas a essas viagens. Reconstruímo-las nas páginas dos livros. Ao fim de algum tempo a vaguear por diferentes mares, a atravessar bosques sombrios, a conhecer cidades e mercados, a cruzar pontes, a dormir nos comboios ou nos bancos da gare, esquecem-se de qual era o sentido da viagem e, no entanto, continuam a viajar. Desaparecem, um dia, sem deixar rasto nem memória, perdidos numa inundação, encurralados num túnel ou adormecidos para sempre num vão de escada. Ninguém os reclama.

Antes, conta-me Virginia, existiam alguns investigadores privados; amadores que forneciam material ao museu. Recordo-me até de um período em que estive na moda coleccionar esforços inúteis, como a filatelia ou a criação de formigas em terrários.

— Creio que a abundância de peças lhes arruinou o passatempo — declara Virginia. — Só é estimulante procurar o que escasseia, encontrar o que é raro.

Nessa altura chegavam ao museu vindos de lugares diferentes, pediam informações, interessavam-se por um caso qualquer, saíam com folhetos e regressavam carregados de histórias, que reproduziam em livros, juntando as respectivas fotografias. Esforços inúteis que levavam ao museu, como borboletas ou insectos estranhos. Por exemplo, a história do homem que passou cinco anos empenhado em evitar uma guerra, até que a primeira bala de um morteiro o decapitou. Ou o exemplo de Lewis Carroll, que passou a vida a fugir das correntes de ar e morreu por causa de uma constipação, num dia em que se esqueceu da gabardina.

Não sei se já referi que Virginia é ligeiramente estrábica. Entretenho-me muitas vezes a seguir a direcção daquele olhar, que não sei para onde vai. Quando a observo a atravessar a

sala, carregada de folhas, de volumes, de todo o género de documentos, não posso deixar de me levantar para a ir ajudar.

Às vezes, a meio da tarefa, ela queixa-se um pouco.

— Estou cansada de andar de um lado para o outro — confessa. — Nunca acabaremos de classificá-los a todos. E os jornais também não. Estão cheios de esforços inúteis.

Como a história do pugilista que tentou recuperar o título cinco vezes, até o proibirem de competir devido a um golpe terrível que sofreu na vista. Agora, certamente vagueia de café em café, por alguma tasca sórdida, a recordar a idade em que via bem e os seus punhos eram mortíferos. Ou a história da trapezista com vertigens, que não conseguia olhar para baixo. Ou a do anão que queria crescer e viajava por toda a parte à procura de um médico que o curasse.

Quando se cansa de carregar volumes, senta-se sobre uma pilha de jornais velhos, cheios de pó, fuma um cigarro — com dissimulação, pois é proibido fazê-lo — e reflecte em voz alta.

— Precisamos de contratar mais um funcionário — diz com resignação.

Ou:

— Não sei quando me pagarão o ordenado deste mês.

Já a convidei para passear pela cidade, para tomar um café ou ir ao cinema. Mas não quis. Só aceita conversar comigo por entre as paredes cinzentas e poeirentas do museu. Se o tempo passa, eu não dou por isso, entretido como estou todas as tardes. Mas as segundas-feiras são dias de pena e de abstinência, em que não sei o que fazer, como viver.

O museu fecha às oito da noite. A própria Virginia roda a simples chave de metal na fechadura, sem mais precauções, uma vez que ninguém tentaria assaltar o museu. Só aconteceu numa ocasião, conta-me Virginia, em que um homem pretendia apagar o seu nome do catálogo. Na adolescência, tinha

feito um esforço inútil e agora envergonhava-se dele, não queria que ficassem vestígios.

— Descobrimo-lo a tempo — relata Virginia. — Foi muito difícil dissuadi-lo. Insistia no carácter privado do seu esforço, queria que lho devolvêssemos. Nessa ocasião, mostrei-me muito firme e decidida. Era uma peça rara, quase de colecção, e o museu teria sofrido uma grave perda se esse homem tivesse cumprido o seu propósito.

Quando o museu fecha, abandono o local com melancolia. Ao princípio, parecia-me intolerável o tempo que tinha de passar até ao dia seguinte. Mas aprendi a esperar. Também me habituei à presença de Virginia e, sem ela, a existência do museu parecer-me-ia impossível. Sei que o senhor director também pensa da mesma forma (aquele, o da fotografia com uma faixa bicolor ao peito), visto que decidiu promovê-la. Como não existe uma hierarquia consagrada pela lei ou pelo uso, inventou um novo cargo, que na verdade é o mesmo, mas agora tem outro nome. Nomeou-a vestal do templo, não sem lhe recordar o carácter sagrado da sua missão, zelando, à entrada do museu, pela fugaz memória dos vivos.